

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (NOVEMBRO 2015)

Com base na amostra representativa da IACA (agora de 19 empresas, pela aquisição da Progado pela Cargill), mantendo-se o peso da amostra em cerca de 78% da produção associada), constata-se, em **novembro de 2015**, uma produção de 190 301 tons contra as 175 891 tons produzidas em novembro de 2014, o que representa um crescimento de 8.2% face ao período homólogo do ano anterior, a mais elevada variação de todo o ano, depois de 2 meses consecutivos em alta. No entanto, apesar desta evolução, novembro de 2015, tal como nos dois anos anteriores, registou uma diminuição face ao mês de outubro (-5.4%) mas se a tendência se mantiver, dezembro estará em alta face ao mês em análise, o que significa que, em termos globais, a procura de alimentos compostos deverá ter crescido em 2015. O que não significa maior rentabilidade do negócio, tendo em conta os baixos preços dos produtos animais na produção, em particular, do leite e da carne de porco e, conseqüentemente, a descapitalização progressiva dos nossos clientes. Por outro lado, este incremento tão significativo em novembro, quando comparado com o homólogo do ano passado, perde expressão face ao número de dias de fabrico (21 dias em 2015 contra os 20 de 2014), pelo que considerando a produção média diária – 8 795 tons/dia em novembro do ano anterior e 9 062 tons em novembro deste ano – temos uma subida na ordem dos 3%. Ainda assim, importante, no universo da nossa amostra.

É evidente que a conjuntura tem sido marcada pela entrada em funções do novo Governo e das expectativas (e confiança) que pode gerar, desde logo no compromisso quanto ao cumprimento do deficit e da despesa pública mas também nos apoios previstos para o crescimento económico e, conseqüentemente, para a melhoria do rendimento das famílias. Ao que tudo indica, a aposta parece ser pela via do aumento do consumo privado, gerando mais procura (e mais oferta?) mas todos esperamos mais confiança, investimento, internacionalização e a certeza de que a austeridade vai ter de continuar, pelo menos será condicionada pelos credores e pelas metas impostas pela União Europeia, apesar de alguns governos (Itália, França, Espanha?) insistirem na apresentação de orçamentos que não cumprem o Pacto de Estabilidade.

Outra nota de destaque tem sido a crise da pecuária, leite e carne de suíno mas, sobretudo, o movimento dos suinicultores. Já aqui tínhamos referido que o cenário do leite seria, apesar de tudo, mais favorável no curto e médio prazo que o da carne de porco, o que levou a Comissão a agir e tomar medidas, a mais “emblemática”, a abertura da armazenagem privada já em janeiro. No entanto, a nível nacional, merece particular atenção o Gabinete de Crise que o governo criou para mitigar os problemas dos setores do leite e da carne de porco e as ações dos suinicultores, no sentido de chamar a atenção da opinião pública para a situação dos produtores – com impacto direto na Fileira – e que coloca em risco 40% do setor a muito curto prazo. A grande tônica tem incidido nas relações entre a produção, a Indústria e a Grande Distribuição que esmaga preços e margens mas, sobretudo, não cumpre as mais elementares regras de rotulagem, a partir do qual é possível conhecer a origem do produto e promover a produção nacional. A APED refere que sempre apoiaram a produção nacional e reiteram a preferência pelas empresas portuguesas e que os seus associados cumprem as normas e exigências legais. Enquanto tardam as medidas e a fiscalização que se impõe, sensibilizados os consumidores, e o Ministro Capoulas Santos promove reuniões bilaterais com o Comissário Phil Hogan, os preços afundam e cresce o desespero. Falta legislação e vontade política para colocar um ponto final nos abusos nas práticas comerciais e esperamos que este movimento possa envolver toda a Fileira para, no mínimo, mostrar ao País a sua importância, força e coerência, ao

serviço da economia nacional e do desenvolvimento sustentável. Porque a suinicultura também é parte integrante da PAC e do Mundo Rural.

Finalmente, uma terceira nota vai para as matérias-primas e a Providência Cautelar que a ACICO interpôs contra o Estado e a IACA, pela implementação do QUALIACA, projeto bem conhecido dos nossos Associados e que, na sequência das informações já divulgadas, não merece mais comentários, a não ser o de que o Tribunal se encarregará de decidir, enquanto as empresas (clientes) não deixarão de retirar as suas conclusões.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Novembro 2014	Novembro 2015	Variação (%)
AVES	80 572	87 259	8.3
BOVINOS	38 790	42 982	10.8
SUINOS	47 066	49 351	4.9
OUTROS	9 463	10 709	13.2
TOTAL	175 891	190 301	8.2

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2013	2014	2015	VAR%2015/14
JANEIRO	189 328	190 285	183 315	-3.7
FEVEREIRO	172 053	169 253	169 178	-0.04
MARÇO	183 095	180 561	194 134	7.5
ABRIL	191 697	185 747	192 758	3.8
MAIO	198 611	187 486	179 461	-4.3
JUNHO	175 204	182 590	190 011	4.1
JULHO	193 298	201 080	200 223	-0.4
AGOSTO	192 228	185 549	185 464	-0.05
SETEMBRO	183 177	186 769	192 131	2.9
OUTUBRO	202 477	197 241	201 266	2.0
NOVEMBRO	190 829	175 891	190 301	8.2
DEZEMBRO	191 824	194 427		
TOTAL	2 263 821	2 236 879	2 078 242	1.8

Em termos de valores acumulados, com os resultados de novembro, temos agora nova subida na produção total, de 1.2% para 1.8%, com uma relativa estabilidade nos alimentos para aves (0.5%) e uma quebra nos alimentos para outros animais (-0.7%), compensadas pelos bovinos (3.0%) e suínos (3.7%), cuja produção continua em alta. Por outro lado, considerando as empresas da amostra neste período de janeiro a novembro, 14 melhoram ou mantêm a sua produção em 2015, representando 61.7% de quota de mercado, contra os 57.1 % de 2014, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade. No que respeita ao chamado “mercado livre”, registou-se, em novembro, na linha dos meses anteriores, uma subida de 6.5% face a 2014, com um

acumulado de 2.2%, contra 1.8% no mercado global, a que não é alheia, nos bovinos, a situação de seca que caracterizou o país durante a maior parte do ano, e algumas alterações no mercado. Apesar das dificuldades e da concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com um peso dentro da amostra de 37.1% em 2015 contra os 37.0% de 2014.

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Nov. 2014	Jan-Nov. 2015	Variação (%)
AVES	960 864	965 288	0.5
BOVINOS	452 680	466 309	3.0
SUINOS	506 674	525 283	3.7
OUTROS	122 234	121 362	-0.7
TOTAL	2 042 452	2 078 242	1.8

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
JANEIRO	84	80	45	42	49	50	13	12
FEVEREIRO	77	76	38	39	42	44	11	11
MARÇO	85	90	40	44	44	48	12	12
ABRIL	89	90	41	43	45	48	11	11
MAIO	91	87	40	35	45	47	11	11
JUNHO	89	92	39	41	44	46	11	11
JULHO	98	96	43	45	48	48	12	11
AGOSTO	89	88	41	42	45	45	10	10
SETEMBRO	86	88	42	44	48	49	11	10
OUTUBRO	92	91	44	47	51	51	10	11
NOVEMBRO	81	87	39	43	47	49	9	11
DEZEMBRO	86		45		53		10	
TOTAL	1047	965	497	465	561	525	131	121

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor avícola, o frango vivo situa-se entre 0.70 e 0.90 €/kg carcaça, o peru nos 2.50 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.90 e 1.00 €/kg, com tendência de estabilidade. Nos bovinos de **carne**, assiste-se a uma subida das cotações, indiciando alguma diminuição na oferta. No **leite**, continuam as preocupações e os baixos preços, enquanto na **carne de suíno**, a tendência parece apontar para a estabilidade e preços muito abaixo dos custos de produção, com perdas elevadas. Nas matérias-primas, o preço do petróleo deverá continuar em baixa e a relação euro/dólar condiciona e trava eventuais quebras na origem. Desta vez, não são os custos da alimentação os “culpados” mas muito há a fazer... Desde logo, repensar este sistema e os modelos de produção e comercialização que temos na União Europeia.